

SILÊNCIO DE CACIMBA EM ALMA DE RIO (6ª Carreteada da Canção e Poesia Nativa)

Autor: Cristiano Ferreira Pereira

Declamador: José Claudio (Zeca) Pereira

Amadrinhador: Claudio Silveira

Triste!...

É assim a mirada de teu semblante atual,
Estagnado, sem menção maior
Que a inquietude que provoca teu silêncio.

Sim!...

Esta serena imagem... quase ornamental.
Desassossega quem te viu em plenitude.

Ah, carreta velha!

Foste matraqueira pelo Rio Grande a fora,
Com o rangir das maçãs e das rodas, sob a carga,
Quando os passos lentos e compassados dos bois
Ritmavam tuas sinfonias de campo,
E o carreteiro... "maestrando",
Tinha a guilhada por batuta.

Tens alma de rio... andarenga!

Recordando os campos e vales,
Fostes sementeira de cidades e vilas,
Quando das pousadas e paragens.
Teus rodados e muchachos
Deixaram rastros nas "huellas" que resenharam
Os nossos mapas, deste Estado,
Grifando caminhos e passagens.

Ajoujo, canga e... canzil,

Mais que atrelarem juntas de "mansos"
Ao teu corpo de madeira,
Levavam vida ao teu ser,
Com sons e movimentos,
Força pulsante e latente,
Impulso de forte corrente
Ao teu leito... Sem caudal.

Ao tranco... Te tornastes

Na freiteira campechana,
Transportadora aragana
Da produção e municios,
Levando, no teu eixo e tablado,
A pura essência pampeana
Que não se verga pra carga
A superar obstáculos.

É doído... te bombear
Em calmaria de cacimba,
Quase em silêncio total.
Só um ventito teimoso
Que balbucia uns lamentos,
Vez que outra, entre cambotas e raios.
Não mais aquele que te enchia o couro do toldo...
Qual estandarte do pampa!

Da lida do carreteiro...
E suas proseadas com as "juntas"
- A força bruta no "coice",
"Adelante" os "das confianças" -
Ficaram lições completas
Do entendimento entre os desiguais,
E que rumo mais certo
É o do trabalho em conjunto...
Puxando pro mesmo lado...
Remando pra mesma margem.

Quando a noite toldava o campo,
Te tornaste quarto e cama
Para sonhos estrelados...
E romances reservados aos limites do teu leito.
Quando mergulhos arriscados
E quantas sereias encantaram...
Entre tuas firmes barrancas.

O destino...
Ah! Este ente que nos reponta,
Cruzando nosso caminho
E nos guiando pra um Norte diferente,
Qual uma mística "boieira"...
... Te apartou pra o lote das lembranças,
Onde o coração dos campeiros,
Se encontram aquelas "cousas"
Que a evolução aposentou,
Mas... a memória ficou cinchando,
Para exemplo e justiça.

Hoje,
Ao te ver assim...
De canto, só e ao relento,
Me ponho a pensar nesta sina andarilha,
Calada no teu silêncio...
De rangidos, mugidos e "ôche, boi!...,
Me fazem mais que sentido

Os teus murmúrios de rio retido pela barragem,
Me salta aos olhos a imagem
Da pioneira força motriz
Empurrando a safra grande
Do que produz o país.

Por fim... a tua quietude de cacimba,
Quebra o espelho da minha mirada.
E teus rastros, na minha face,
São sulcos feitos do tempo,
"Huellas" por onde passa esse rio...
Que da tua alma é afluente,
Velha carreta pampeana,
Desbravadora e valente!...